



PADAB

NA ESCOLA

Edição



PADAB NA ESCOLA

Autores:

Bruna Almeida

Gabriella Araujo

João Guilherme Mansur

Pedro Ferreira

Pedro Bianchini Barata

Rafaela Ferreira

PUC-Rio

Revisora e Coordenação:

Crislayne Alfagali *História, PUC-Rio*

Projeto:

*CONEXÕES CULTURAIS E HISTÓRICAS ENTRE BRASIL E
ANGOLA NOS ARQUIVOS DO PADAB (IHGB/ PUC-RIO).*

Apoio:

Alfagali, Crislayne

PADAB na Escola / Crislayne Alfagali, Bruna Almeida, Gabriella Araujo, João Guilherme Mansur, Pedro Ferreira, Pedro Bianchini Barata e Rafaela Ferreira – Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio, 2023 - 5. ed. - 19p; 21 cm x 29,7 cm

1. História 2. Arquivologia 3. Escravidão I. Alfagali, Crislayne, V. PADAB na Escola.

sumário

5 Vitória e sua história

7 Glossário

11 Reflexões

19 Ouvindo uma Música!

22 Uma imagem que represente a Vitória

23 Referências bibliográficas

Apresentação

O objetivo deste material didático é apresentar possibilidades para o ensino de história, utilizando fontes transcritas do AHNA (Arquivo Histórico Nacional de Angola) que fazem parte da coleção Projeto Acervo Digital Angola-Brasil (PADAB), guardada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).

A ideia é que ao entrar em contato com os documentos, o/a educando/a possa analisá-los e criticá-los de acordo com a orientação do professor/a educador/a. Para tal, esse material não apresenta um plano de aula traçado a ser seguido de forma única, pelo contrário, este instrumento de pesquisa quer mostrar possibilidades diversas para se trabalhar com as fontes aqui trazidas. O docente deve elaborar seu plano de aula levando em consideração as especificidades de sua turma.

Assim, a transcrição apresentada nesta revistinha versa sobre uma mulher chamada Vitória e o que aprendemos sobre sua história de vida.



Vitória e sua história



Portaria para o Depositario da Fazenda Real

Satisfazer a preta Vitoria de Paulo

7 exeques e 3 medidas de maça

O Doutor Provedor da Fazenda Real ordena ao Depositario dela

Joam Roiz (Rodrigues) de Souza satisfaça a preta Vitoria de Paulo sete

Exeques e três medidas de maça que por minha ordem lhe foram

Tomas pelo capitão mor do Dande para remeter do Presídio

De São Encage, abatido o frete que seu dono

Haverá de pagar se os vendesse nesta cidade e com as

Clarezas necessárias se lhe levará em conta esta des

Peza nas que der de seu recebimento São Paulo de Assunção 17de

Maio de 1764 = Rubrica de Exmo. Snr. General

Fonte

1764,05,17 Portaria de [Dom Antônio de Vasconcelos], Governador Capitão General do Reino de Angola, que ordenava ao Provedor da Fazenda Real que ordenasse a João Rodrigues de Souza, Depositário da Fazenda Real, que satisfizesse a preta Vitória de Paulo algumas caixas de massa (massambala, sorgo) para serem remetidas ao Presídio de Encoge. (Arquivo Nacional Histórico de Angola, código 271-C-14-4) Local: São Paulo de Assunção [de Luanda] 01p PADAB DVD 9,18 DSC00020

Glossário

Dande

O Dande é uma região localizada entre Ndongo e Kongo, banhada por um rio de mesmo nome que servia muito aos moradores das proximidades. Segundo Adriano Parreira, autor do *Dicionário Glossográfico e toponímico da documentação sobre Angola, séculos XV-XVII*, o Rio Dande:

Rio que era navegável até ao hikao*, ou seja, até 25 léguas da costa. Durante a época das chuvas, flutuava nas águas do Rio Dande uma espécie de resina, ukutoto, que servia para a preparação de flechas. O Rio Dande estabelecia, do ponto de vista das autoridades portuguesas, a fronteira entre o Kongo* e a jurisdição portuguesa em Angola.

PEREIRA, Adriano. Dicionário Glossográfico e toponímico da documentação sobre Angola, séculos XV-XVII. Lisboa: Ed. Estampa, 1990.

Como observado, podemos refletir sobre o Rio, além de fonte de matérias primas para produção e mão de obra, como uma fronteira territorial entre o Kongo (o maior reino africano do período) e a jurisdição portuguesa que se instalava em Angola.

Exeques

Exeque era a medida tipicamente usada para diferentes tipos de grãos e mandioca em Angola. Cada exeque pesava aproximadamente entre 50 e 60kg e era feito da fibra da entrecasca da árvore Imbondeiro.

Imbondeiro

Também conhecido como baobá, o imbondeiro (*Adansonia digitata*) é uma árvore originalmente da ilha de Madagascar, embora possa ser encontrada em outros países do continente africano como Angola, Zimbabué e Moçambique. A espécie se desenvolve em zonas sazonalmente áridas, nas savanas, por exemplo, ou em áreas de cultivo mais povoadas, como nas florestas e costas de Angola. Além disso, vale dizer que a árvore é importante de diversas maneiras para esses povos: uso comunitário, há carpinteiros especializados em escavar seu tronco para servi-lo de cisterna; uso na alimentação e na cosmogonia.

A múcua, fruto do imbondeiro, marcada pelo seu sabor agridoce, tem um miolo seco e comestível e é rico em vitaminas e minerais. Às vezes chamado de “fruto milagroso”, tem duas vezes mais cálcio que o leite e é rico em antioxidantes, ferro e potássio, e tem seis vezes mais vitamina C do que uma laranja.

Suas folhas são comestíveis e suas sementes produzem óleo também comestível. Aliás, é possível dissolver a múcua em água e formar um sumo que, após esfriar, é tomado como uma bebida fresca com um sabor muito apreciado em determinados países, com destaque para a Guiné-Bissau, onde é conhecido como “sumo de cabaceira”.

Por fim, vale citar a importância da árvore enquanto algo sagrado. A chamada Kyanda, um gênio da natureza que pertence ao imaginário Kimbundu, é tida como uma entidade do mar que também pode estar na terra e tem no imbondeiro como sua árvore predileta e meio de representação (CARVALHO, 1989). Por exemplo, ela manifesta um local de comunicação entre os vivos e seus antepassados, é o começo e a continuação da vida, pois, para esses povos, a morte não é um fim. Quando o corpo é enterrado, a alma vai junto e se fixa na terra e, quando lhe parecer melhor, retorna à superfície às noites (RIBAS, 1989).

Além da vida e morte, a Kyanda e o imbondeiro estão relacionados, também, com doenças, logo, entende-se o porquê da polpa de múcua, depois de seca, utilizada para a alimentação em tempos de escassez, também é tratada como cura para a malária.

VEJA ISSO



Frutos dos imbondeiros

Fontes: <<https://www.dw.com/pt-002/frutos-dos-imbondeiros-j%C3%A1-d%C3%A3o-emprego-a-muitos-africanos/a-19451645>>.

<<http://theindianvegan.blogspot.com/2013/03/all-about-baobab-in-india.html>>



O Colossal Imbondeiro de Xangongo

Cunene fica situado, tal como o nome indica, em Xangongo, município de Ombadja, aldeia de Péu-Péu (Cunene). Acredita-se que este seja o maior Imbondeiro de África, com um tronco com cerca de 27 metros e uma copa com cerca de 22 metros.

Fonte:<<https://www.verangola.net/va/pt/062022/sugestoes/31189/Colossal-Imbondeiro-de-Xangongo-O-que-fazer.htm>>

Massa/massambala

A massambala era no século XVIII (e se mantém até os dias de hoje) como um dos produtos agrícolas mais produzidos em Angola. Seu nome mais comum é sorgo, porém, em Angola, o conhecemos como massambala. Quanto ao seu uso, é alimento humano em muitos países Africanos, da Ásia e da América Central, e importante componente da alimentação animal nos Estados Unidos, na Austrália e na América do Sul. Os grãos do sorgo são úteis na produção de farinha para panificação, amido industrial, álcool e como forragem e cobertura de solo.

Massambala é uma palavra de origem angolana dado a um cereal conhecido por mapira em Moçambique e como milho-zaburro no Brasil. Em português denomina-se Sorgo. A massambala serve para fazer pão e alimentos para as aves, e as plantas inteiras, para pasto. O massango e a massambala “contribuem para o combate das diabetes, do cancro”, sendo ricas “em antioxidantes, cálcios, fibras, ferros, minerais, proteínas, isentos de glúten, são nutritivos para alimentação animal e adaptáveis em climas semi desérticos ou semi áridas”.

Fonte:<<https://www.verangola.net/va/pt/022023/Ambiente/34408/Pa%C3%ADs-Ian%C3%A7a-produ%C3%A7%C3%A3o-de-massango-e-massambala.htm>>

Veja isso



Especialista em gastronomia angolana, a historiadora Karina Ramos descreve os sabores e o contexto de um típico banquete de Angola.

“E o funje? Ele também preenche os estômagos há muito tempo! Um ícone. O primeiro registro encontrado é do final do século XVIII. Trata-se de uma massa cozida, sem condimento que pode, a depender da região, ser feita à base de diferentes grãos. Os mais usuais atualmente são o milho e o de bombó, produto feito a partir da mandioca, dependente do trabalho artesanal exclusivo de mulheres angolanas. Mas há também registros de funje de batata-doce, massango e massambala (e até de arroz!). Apesar de parecer simples aos olhos de um leigo, não é uma preparação fácil, sobretudo o funje de bombó, porque a farinha é gomada. Há quem o compare com o nosso angu ou pirão, mas pode ser uma comparação arriscada”.

Fonte:<<https://comidacomhistoria.com.br/prato-do-dia-em-angola/>>

REFLEXÕES



Qual o contexto de produção deste documento? Quem o escreveu e por quê?

Como sabemos que Vitória era uma mulher escravizada?

Quantos quilos de massambala ela e provavelmente seus ajudantes estavam carregando?

COMENTÁRIOS

Ter nome cristão significa que era uma mulher escravizada e batizada. O que significava o batismo para quem era escravo em Angola? Lembrando que Luanda a maior cidade

exportadora de cativos da Época Moderna e que estamos lendo este documento no Rio de Janeiro, a maior cidade importadora de cativos da história.

Década	Escravos exportados
1710-1719	55.219
1720-1729	69.479
1730-1739	87.728
1740-1749	104.406
1750-1759	101.805
1760-1769	83.050
1770-1779	75.743
1780-1789	94.632
1790-1799	102.604

CURTO, José C. A quantitative re-assessment of the legal Portuguese slave trade from Luanda, Angola, 1710-1830. *African Economic History*, Madison, n. 20, p. 1-25, 1992.

Será que Vitória cultivava plantações de massambala/sorgo?

COMENTÁRIOS



Os Ambundos se concentravam nas regiões banhadas pelo rio Kwanza, um subgrupo étnico-linguístico dos denominados pela historiografia como Mbundu. Como afirmou Thornton, a África possuía indústrias bem desenvolvidas que produziam muitas mercadorias, inclusive aquelas que eram importadas da Europa, tais como tecidos, ferro, cobre, bebidas alcoólicas. Esse é o caso dos Ambundos, que cultivavam arroz, inhames, óleo de palma, painço, sorgo, entre outros produtos e eram grandes caçadores.

John Thornton, A África e os africanos na formação do mundo atlântico, 1400-1800. Rio de Janeiro: Campus, 2004, p. 89.

Segundo Elias Alexandre da Silva Correa, era costume que as mulheres cultivassem as terras e assim se ocupassem dos “rudes trabalhos da enxada e do machado”, “enquanto os pais, maridos ou parentes tec[iam] entangas (sic), [iam] à guerra, ou à caça das feras”. Silva Correa descreve a presteza dos “negros tecelões”: “sem conhecimento dos teares da Europa, tecem entre duas varas encostadas a parede, construindo panos de dois palmos e meio de largura e oito ou dez de comprimento: uma entanga se compõe de três panos unidos pela extensão. (...) São excelentes cobertas de cama para países frios: o resto se consome em redes de pescar e pavios de cera”.

Elias Alexandre da Silva Correa, História de Angola [século XVIII]. Lisboa: Clássicos da Expansão Portuguesa no Mundo. Império Africano, 1937, v. I, p. 113 e 156.

NOTAS



Saiba Mais



Parma
Watercolors,
séculos XVI-
XVII, fontes
missionárias:
<https://mavcor.yale.edu/material-objects/parma-watercolours>

Veja a imagem acima e reflita sobre os trabalhos das mulheres entre os Ambundos:

“Por aqui só mulheres trabalham a terra”

Aqui nestas partes só as mulheres trabalham a terra; e elas trabalham do jeito que se vê aqui, eles têm uma pequena enxada que chamam de emchiada; é notável que se eles têm filhos amamentando; amarram-nas costas como se fosse um feixe de lenha; e assim trabalham o dia todo, e por causa do grande calor do sol e do movimento constante e violento da mãe; à noite a criança está quase morta, com tudo isso porém não sabem se consertar, dizendo que se colocarem no chão o leão ou o Tigre podem tirá-la.

O que uma pessoa escravizada comia?

COMENTÁRIOS

Através das fontes e das inspirações teóricas que temos investigado para alcançar o máximo possível da história individual da personagem Vitória, conseguimos aferir que os escravizados não comiam o que plantavam e quase nunca comiam carne. Segundo o relato das memórias do médico Luis Antônio de Oliveira Mendes em seu discurso (1812) já no século XIX, citado por Roquinaldo Ferreira os escravizados eram “parcamente alimentados” e tratados como “gado” em sua dieta reduzida. Eles se alimentavam basicamente de feijão e milho cozido, ou feijão misturado com milho e uma porção limitada de peixe seco. Também é

fato, extremamente desumano, eles (ou elas) terem a função de ajudar na nutrição local e principalmente no abastecimento dos navios para a travessia do Atlântico e eles mesmos não poderem se alimentar de maneira nutritiva a sustentar suas forças suficientemente para o trabalho escravo forçado. Apesar de algumas referências partirem de posteriores períodos da história, há de se considerar que muitas práticas culturais como as quitandas, devido a sua importância, prolongaram-se durante os seguintes séculos, sendo completamente oportuno resgatar a história de períodos distantes, nesse caso.

Como será que uma mulher escravizada como Vitória se vestia no século XVIII?

COMENTÁRIOS

Agora, para chegar ao contexto especialmente de Vitória, e, fazendo um recorte de gênero, regional e temporal nos voltando apenas para a experiência da mulher preta escravizada e suas funções, a fim de resgatar a figura das quitandeiras, sua cultura e suas vestes, há de se lembrar que o documento é escasso de informações e que tudo o que aferimos parte da leitura de outras fontes que se aproximem de elementos que o documento apresenta. Nesse sentido, no que diz respeito à vestimenta a partir dos estudos de Beatriz Heintze “Angola nos séculos XVI e XVII. Estudos sobre Fontes, Métodos e História”, de acordo com os relatos estudados, e, lembrando que eles partem da perspectiva dos colonizadores, o

vestuário dos escravizados era “mais pobre” e na pior das hipóteses “andavam quase nus e usavam somente tecidos de fibra de palma que depressa ficavam puídos”. Partindo desse princípio, encontramos os tipos de tecidos africanos, seus nomes de origem e sua utilidade e apropriação por parte da colonização.

A saber: para os portugueses os nomes eram panos de palma, palha, palmilha e panaria, que eram categorias especiais que eles chamavam de “panos sujos” por estarem marcados com um “R” de “rei” ou “panos comuns”; já os tecidos não marcados chamavam-se “panos limpos”, havia também os “panos pintados”; para os africanos as nomenclaturas partem de

Quem eram os carregadores a quem seria pago o frete?



Saiba Mais



Aquarela da coleção Parma Watercolors (séc. XVI – XVII):
<https://mavcor.yale.edu/slice/carriers>

Veja a aquarela da coleção Parma Watercolors (séc. XVI – XVII) acima e reflita sobre os trabalhos dos carregadores:

“Carregadores”

Porque aqui não há cavalos nem bestas de carga, os negros carregam tudo e é notável que transportam cargas muito pesadas e se movem muito rápido 2: papel ou carta. Eles o carregam dessa maneira, uma bengala ou bastão aberto e a carta colocada na divisão e amarrada acima; todos os negros têm o maior medo das letras e acreditam que há dentro de um demônio que repete as coisas, nem mesmo conseguem entender que por meio de personagens se possa explicar [. . .] aos ausentes para que quando temam seu Senhor por terem cometido algum crime queimem a carta ou joguem no rio para que o demônio que está dentro não repita o delito e eles não sejam punidos 3: Arco 4: flechas 5: galinha 6: Banana 7: Cabaça recheada com vinho de palma 8: Cesto feito de folhas de palmeira chamado motet 9: Emba ou fruto da palma que faz azeite 10: pés do motete quando estão cansados colocam-no contra uma árvore cheia assim

[verso, em português] pretos com letras em palitos de madeira

Monangambé

Canção de Ruy Mingas

Naquela roça grande
não tem chuva
é o suor do meu rosto
que rega as plantações;
Naquela roça grande
Tem café maduro
E aquele vermelho-cereja
São gotas do meu sangue
Feitas seiva.
O café vai ser torrado
Pisado, torturado,
Vai ficar negro,
Negro da cor do contratado.
Negro da cor do contratado!
Perguntem às aves que cantam,
Aos regatos de alegre serpentear
E ao vento forte do sertão:
Quem se levanta cedo?
Quem vai à tonga?
Quem traz pela estrada longa
A tipóia ou o cacho de dendém?
Quem capina e em paga recebe desdém
Fuba podre, peixe podre,
Panos ruins, cinquenta angolares
“Porrada se refilares”?
Quem?
Quem faz o milho crescer
E os laranjais florescer?
Quem?
Quem dá dinheiro para o patrão comprar
Máquinas, carros, senhoras
E cabeças de pretos para os motores?
Quem faz o branco prosperar,
Ter barriga grande
Ter dinheiro?
-Quem?
E as aves que cantam,
Os regatos de alegre serpentear
E o vento forte do sertão
“Monangambééé...”
Ah! Deixem-me ao menos subir às palmeiras
Deixem-me beber maruvo
E esquecer diluído
Nas minhas bebedeiras
Monangambééé...

OUVINDO UMA MÚSICA!



Fonte: <<https://fonoteca.cm-porto.pt/discos/monangambe-625900/>>



Música: Monangambé

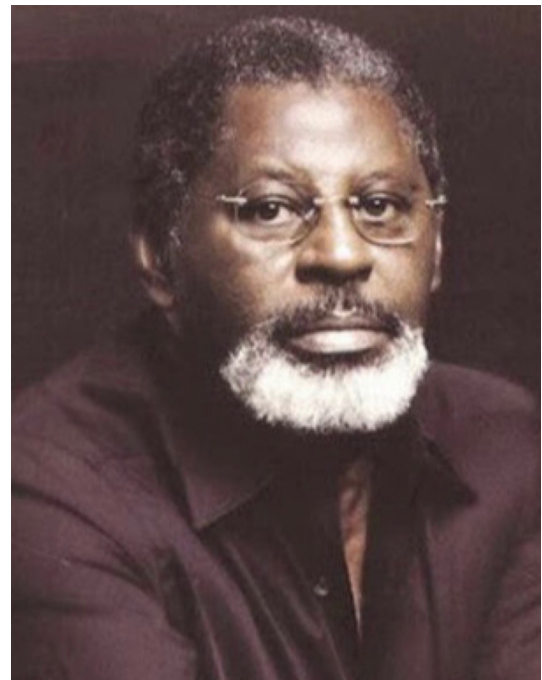
Artista: Ruy Mingas

<https://www.youtube.com/watch?v=aWNHLD6UhEo>

Sai da Mais

Ruy Mingas

Sobrinho de Liceu Vieira Dias, um dos criadores do semba e integrante do lendário grupo N'Gola Ritmos, Ruy Mingas é um cantor, compositor e guitarrista que trilhou os passos do tio e fez o seu próprio caminho. Tal como Bonga, Ruy foi um atleta famoso no seu auge no Benfica. Atraído pela poesia desde a adolescência, deparou-se com o poema “Monangambé”, que significa “trabalhador”, da autoria de António Jacinto. Um poderoso poema de intervenção social e política, causou-lhe um enorme impacto.



As palavras em questão abordam a questão da exploração dos angolanos pelos portugueses em uma série de questões norteadoras sobre os lucros que os colonos obtêm com sua dominação. Ruy decidiu colocar música nessas palavras cruciais que todos precisavam ouvir. Protegido de olhos e ouvidos indiscretos, Rui, que se rebatizou de Ruy em 1974 para fazer uma ruptura simbólica com as influências portuguesas, escreveu aquele que se tornou o famoso hino humanista que o tornou famoso. Em 1975, após a independência de Angola, Ruy Mingas compôs o hino nacional do seu país, “Angola Avante!”, com Manuel Rui Monteiro. Mais tarde, deixou de lado a carreira musical para se dedicar à política, tornando-se ministro do Desporto e embaixador de Angola em Portugal.

Trabalho forçado: continuidades ao longo da história

“Em Angola, ocorre “uma abolição inacabada”, ou seja, a passagem do escravo a “liberto”, do “liberto” a “serviçal” e deste a “contratado” ou recrutado sem “contrato”, configurando formas de trabalho forçado a que foram sujeitos aqueles que as leis coloniais classificaram como “indígenas”.

Desde o “Regulamento do Trabalho dos Indígenas das Colónias” de 1899 até 1961, quando a guerra de libertação que eclodiu em Angola obrigou a rápidas reformas, a

legislação colonial portuguesa permitiu sempre formas diversas de trabalho forçado (com ou sem “contrato” formal), que não se aplicavam aos cidadãos portugueses mas apenas àqueles pela lei classificados como “indígenas”. Não sendo já a escravidão, ainda não era o trabalho livre que só a legislação de 1961 veio consagrar, abolindo o “Estatuto dos Indígenas” e tornando todos “cidadãos”. No entanto, o sistema colonial não estava preparado para os efeitos económicos do fim da discriminação laboral e foi instituído um “Código do Trabalho Rural” que, apesar do nome, também se aplicava nos centros urbanos, por exemplo aos trabalhadores da construção civil que antes fossem considerados “indígenas”. Esse subterfúgio legal permitia que esses trabalhadores continuassem a ser pagos por tabelas salariais com valores inferiores aos dos “cidadãos”.

O “indígena” não era equivalente a “natural da terra” ou a “negro” (de facto, alguns negros e mestiços, considerados “civilizados”, tinham estatuto de cidadãos). A maioria esmagadora da população colonizada, “negros e seus descendentes”, foi colocada na categoria jurídica de “indígena”, sujeita a obrigações específicas (impostos, trabalho, serviço militar), distinguindo-se assim dos ditos “civilizados” que incluíam todos os brancos (por inerência...) e uma muito pequena minoria de negros e mestiços. A discriminação racial ganhou assim base legal, já que os classificados como “brancos” seriam sempre “cidadãos”, apesar do elevado grau de analfabetismo, da pobreza de muitos deles e de uma considerável percentagem de degredados criminosos, longe dos padrões de vida e integridade moral exigidos aos outros para a sua inclusão no grupo dos “civilizados”.

Fonte

De Escravos a “Serviçais”, de “Serviçais” a “Contratados”: Omissões, percepções e equívocos na história do trabalho africano na Angola colonial, Maria da Conceição Neto: <https://journals.openedition.org/cea/2206>

Uma imagem que represente a Vitória

Por que escolhemos esta imagem para representar a Vitória?

Com o auxílio do aplicativo IA Greem, tentamos buscar uma imagem que nos ajudasse a compor a figura de Vitória no contexto que a encontramos no documento. Com isso, ao escrever: “mulheres africanas escravizadas trabalhando em campos de sorgo na África Central” encontramos 9 opções, e discutimos qual mais se aproximava com os elementos que estudamos até então. Por se tratar de uma história muito específica, o aplicativo não pode alcançar exatamente o que pedimos, por isso tivemos de analisar e filtrar as 9 imagens até concluir que esta representa alguns dos elementos que estudamos como a bolsa ou saca que parece ser feita de fibra de imbondeiro, as tranças da mulher também é elemento simbólico, assim como o porte físico dela, que apesar da alimentação precária, e, devido ao constante exercício do trabalho forçado mantém-se forte para a própria subsistência.



Fonte: Imagem criada por Inteligência Artificial do aplicativo IA Greem.

Referências bibliográficas

CONCEIÇÃO NETO, **Maria da. De Escravos a “Serviçais”, de “Serviçais” a “Contratados”: Omissões, percepções e equívocos na história do trabalho africano na Angola colonial.** Cadernos de Estudos Africanos, 33, 2017, p. 107-129.

FERREIRA, Roquinaldo; GUEDES, Roberto. **“Apagando a nota que diz escrava: Efigênia da Silva, o batismo, o compadrio, os nomes, as cabeças, as crias, o tráfico, a escravidão e a liberdade (Luanda, c. 1770-c. 1811)”**, Almanack [26], 2020, p. 1-57.

HEINTZE, Beatriz. **Angola nos séculos XVI e XVII. Estudos sobre Fontes, Métodos e História.** Luanda: Kilombelombe, 2007.

OLIVEIRA, Vanessa, **“Donas, Pretas Livres e Escravas em Luanda (Séc. XIX)”**. Estudos Íbero-americanos, Porto Alegre, v. 44, n3, p447-456, set-dez.2016.

PANTOJA, Selma. **“ Conexões e Identidades de Gênero no caso Brasil e Angola (Secs XVIII-XIX)”**. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://aladaainternacional.com/wp-content/uploads/Conexoes-e-identidades-de-genero-no-caso-Brasil-e-Angola-Secs.-XVIII-XIX.pdf>